



CRUZEIRO DO SUL

CONSÓRCIO ENERGÉTICO CRUZEIRO DO SUL

MONITORAMENTO DOS PESCADORES

UHE MAUÁ

2014



INDICE

Introdução.....	1
Metodologia.....	2
1- Resultado das análise do perfil socioeconômico.....	3
2- Histórias de Vida do período de setembro de 2011 a dezembro de 2012.....	9
Analises Final.....	29
Referencias bibliográfica.....	34
Anexo 1 Questionário.....	36

TIPO DE DOCUMENTO:

RELATÓRIO MONITORAMENTO PESCADORES

TÍTULO:

RELATÓRIO DE MONITORAMENTO PESCADORES

COORDENADOR:

Sandra Ramalho de Paula



AUTOR:

Sandra Ramalho de Paula.

Fevereiro, 2014 referente ao ano de 2013.

Introdução

Este relatório tem como objetivo apresentar o monitoramento das condições socioeconômicas e modo de vida dos pescadores vivos e residentes em Telêmaco Borba, Ortigueira e Imbaú; beneficiários do Termo de Acordo para Indenização a pescadores – UHE Mauá.

O monitoramento proposto pelo Ministério Público Federal procura estabelecer um marco de referência para que se possam conhecer as reais condições de vida dos pescadores beneficiários do Termo de Acordo para Indenização - UHE Mauá. Em 2011 foi realizado o primeiro cadastro do monitoramento, em 2012 foi realizado o segundo cadastro de monitoramento, com visitas domiciliares aos pescadores vivos e moradores de Telêmaco Borba e Imbaú. O terceiro cadastro do monitoramento foi realizado em fevereiro de 2014. O trabalho tem se mostrado de grande importância, pois ao longo de cinco anos acompanhará a vida dos pescadores, sendo que nesse terceiro ano foi possível observar a dinâmica de transformação da realidade social que envolve os pescadores. Nesse ano já foi possível identificar as reais mudanças ocorridas na vida dos pescadores nesse período.

Já é possível identificar algumas transformações decorrentes do processo de instalação do empreendimento – UHE. Ao monitorar as condições de vida dos pescadores identificamos impactos negativos e positivos para o modo de vida dos pescadores, que diante da idade avançada de alguns pescadores que já se encontravam impossibilitados de pescar passam a ter na indenização um pequeno conforto para melhorar sua qualidade de vida, como poderemos ver em algumas falas dos próprios pescadores.

O que foi observado em campo é que passado três anos segundo os próprios pescadores, eles ainda não participaram de nenhum evento envolvendo outros programas de apoio ao pescador, mas esperam que isso ocorra no nos próximos anos.

Metodologia

O monitoramento foi feito sob o aspecto socioeconômico e sobre as condições de vida em seus modos de fazer e de viver dos pescadores objetos. Sendo assim, o trabalho procura estabelecer o diálogo necessário para a compreensão do modo de vida do pescador no período posterior a construção do reservatório da UHE Mauá.

O trabalho de monitoramento visa acompanhar a evolução das condições socioeconômicas e seus modos de vida dos pescadores contemplados no TERMO DE ACORDO PARA INDENIZAÇÃO A PESCADORES - UHE MAUÁ. Bem como verificar se o pescador teve sua renda obtida a partir da atividade de pesca afetada, ou seu modo de vida alterado pela construção do reservatório da UHE Mauá, obrigando o pescador a se readequar ao novo contexto social e econômico em que estará inserido.

O processo de monitoramento/acompanhamento dos pescadores contemplados no Termo de Acordo será feito por meio de Avaliação periódica de atividades de pesca, realizadas em cronograma definido e em situações extemporâneas, se necessário. Neste sentido, caberá ao CECS realizar monitoramento/acompanhamento em relação às atividades de pesca e o modo de vida dos pescadores, apresentando relatórios anuais, iniciando o primeiro até o ato da indenização, para que se possam estabelecer parâmetros de avaliação do processo de transformação, se houver, no período de 12 meses, sendo sempre entre os meses de setembro e novembro de cada ano, com a apresentação de análise de resultados parciais ao final de cada etapa.

A conclusão do monitoramento será apresentada ao final de cinco anos, após o início da operação do empreendimento.

Será realizada aplicação de questionário com perguntas fechadas e abertas, e observação participante para que se possa fazer uma análise comportamental e não apenas do discurso dos pescadores. A partir da aplicação dos questionários e da observação participante realizada com os

pescadores será elaborado laudo técnico e encaminhado as partes envolvidas. Para que se estabeleçam juntamente com o Consórcio Cruzeiro do Sul e demais interessados as medidas compensatórias adequadas ao grupo de pescadores objeto do monitoramento.

1 - Análise do perfil socioeconômico.

Dos 25 pescadores objetos do monitoramento, foi possível realizar entrevista com 20 pescadores. O Sr. Ari Lima Schneider faleceu em decorrência de problemas de saúde já existentes na época da primeira entrevista. O Sr. Emilio Schineider, segundo informações do genro que mora na casa dos fundos da residência do Sr. Emilio, foi visitar o sogro em um sítio que fica em outro município e passaria a semana para trabalhar na construção de uma casa para onde pretende se mudar. Já o Sr. José Eloir Schneider, segundo seu irmão Jurandir Lima Schineider, mora em Maringá com a família e vinha a Telêmaco Borba apenas para pescar. Quando solicitado contato em Maringá do irmão o Sr. Jurandir disse não ter contato, pois não “se dão”, mas informou que o Sr. José Eloir Schneider já não morava em Telêmaco Borba há muito tempo. Já o Sr. Luis Carlos luk Ferreira mora em um sítio em Sapopema, ainda segundo os demais pescadores o Sr. Luis já vivia nesse sítio e vinha a Telêmaco Borba à frequência para pescar e que com a impossibilidade de pescar o mesmo tem ficado apenas no sítio em Sapopema. O Sr. Valdinei de Oliveira está morando com o pai, Sr. Sebastião Leite Oliveira, no entanto no momento em que realizamos o monitoramento ele estava viajando. Segundo o pai (Sebastião) ele atualmente trabalha como motorista de caminhão e passa a semana fora entregando carga.

Assim a pesquisa de campo foi realizada com três mulheres e 15 homens, pescadores que moram na área urbana de Telêmaco Borba, e dois, o Sr. Sebastião e o Sr. Claudino Teixeira, que residem na área rural de Imbaú. Apenas um pescador tem menos de 50 anos e sete tem mais de 70

anos, enquanto os demais estão entre 50 e 69 anos. Todos os entrevistados pescam ou pescavam na região do rio Tibagi, especificamente onde se localiza o lago do reservatório da UHE Mauá. Quando perguntado sobre o tempo de pesca, e nesse monitoramento foi considerado o período em que o pescador obteve a carteira profissional de pesca, alguns pescadores têm a carteira há 17 anos e outros entre 10 e 13 anos. Quanto ao tipo de pesca todos informaram pescar com rede, tarrafa e espinhel. No entanto no momento a maioria não está pescando na localidade e muitos estão com a carteira de pescador vencida.

Em relação à escolaridade dos pescadores, não passa dos primeiros anos do ensino fundamental, sendo que apenas um pescador tem o ensino médio. O número de residentes em cada domicílio visitado tem em média três moradores, sendo que apenas na residência do Sr. Sebastião tem mais de seis moradores com três crianças. Nas demais residências não moram crianças.

Quanto à renda, oito pescadores são aposentados ou recebem o benefício previdenciário, sendo que apenas dois informaram receber aposentadoria como produtor rural e mineiro. No momento da pesquisa a outra renda informada foi o benefício do defeso que alguns pescadores recebem, no valor de um salário mínimo. Assim a renda fixa declarada no momento da pesquisa foi em média de um salário mínimo, alguns entrevistados informaram a renda familiar, pois algumas esposas são aposentadas ou trabalham no mercado informal.

Muitos dos pescadores deixaram de participar da associação dos pescadores e um informou que participa do sindicato do produtor rural. Sobre as condições da residência, apenas um pescador não tem casa própria, sendo que as residências são na maioria de alvenaria ou mista, com terrenos com anti-pó na rua. As casas têm em média 50 metros quadrados, todas as residências possui banheiro dentro da casa, sendo a maioria com três a quatro cômodos. E todas as residências têm fogão, geladeira, televisão; algumas têm freezer e apenas uma tem computador (ganhado em um sorteio).

Não são todos os pescadores que tem barco, mas 20 deles têm carro e um tem carro e moto. Todos têm energia elétrica e gastam em média 100Kw, 18 tem água da rede geral (Sanepar) e apenas os moradores da área rural, Sr. Sebastião e Sr. Claudino, não tem água tratada. No momento da pesquisa muitos haviam reformado a casa e feito fossa para o esgoto. Quanto às condições socioambientais a maioria respondeu que não tem problemas. Segundo os entrevistados a prefeitura coleta o lixo. Sobre as condições de saúde dos pescadores, vale destacar que a maioria tem mais de 60 anos de idade, assim as condições de saúde apresentam problemas ou relacionados à idade e ou as condições vida e trabalho. Muitos têm problemas nas articulações e outros têm diabetes e problemas de colesterol ou pressão alta. No momento da entrevista cinco pescadores informaram que parte da indenização foi usada para tratamento de saúde, sendo que o Sr. Wilson Gonçalves teve um derrame e se encontra em processo de recuperação, mas até o momento sem grandes progressos, o mesmo recebeu uma casa nova do consórcio cruzeiro do Sul, bem como indenização como pescador e garimpeiro. Segundo ele com o dinheiro da indenização dele e da esposa, Sra. Rosângela, foi comprado uma casa para alugar, porém o Sr. Wilson alega ter dificuldades para manter as despesas da nova casa. O Sr. Claudino recebeu do Consórcio Cruzeiro do Sul uma propriedade de quatro alqueire na área rural de Imbaú para onde se mudou com o filho. No momento da visita ele estava bem disposto e muito feliz com a nova condição de moradia. Disse que optaram pela compra do sítio para poder ter mais espaço para caminhar e cuidar da horta. Segundo o filho, que está morando na residência para cuidar do pai, a condição da saúde do Sr. Claudino melhorou bastante depois que foi para a nova propriedade. Atualmente na propriedade encontra-se plantação de milho, mandioca e hortaliças, além de vaca de leite, galinhas e porcos, tudo administrado pelo filho do Sr. Claudino.

Como meio de locomoção a maioria utiliza de carro ou a pé, sendo que todos os moradores da área urbana informaram ter nas proximidades de suas residências posto de saúde, escolas, associação de morador e outros serviços públicos. Os problemas sociais enfrentados pelos entrevistados

foram de segurança e de atendimento a saúde. Sobre atividades de lazer todos informaram que pescam ou visitam parentes, porém muitos disseram não ter atividade de lazer. Sobre o número de dias que pescam alguns pescadores disseram que ainda não estão pescando, outros disseram que estão pescando três vezes por semana. Ressalta-se, porém, que muitos não estão pescando por não ter condições de saúde. Todos informaram que pescavam para vender para as pessoas do bairro ou nos mercadinhos próximos a suas casas e consumiam o que sobrava, no entanto muitos estão sem a carteira profissional, podendo pescar apenas por lazer. Em relação à quantidade pescada alguns informaram que tem pescado no lago da UHE Mauá quantidades entre de 50 a 140 kg em média por semana, porém muitos disseram que mesmo com a possibilidade de voltar a pescar não sabem se a condição de saúde possibilitará. Vale observar que os pescadores também fazem outras atividades para complementar a renda e informaram ter outra profissão antes de se tornar pescador, alguns inclusive se aposentaram em outras profissões e tinham na pesca uma segunda fonte de renda.

Não são todos os pescadores que recebem o benefício referente ao período do defeso. Quando perguntado sobre o que fizeram com o dinheiro da indenização novamente as respostas variam bastante, porém muitos cuidaram de problemas de saúde, outros compraram uma casa e outros utensílios para a pesca, outros reformaram a casa que já tinham. Apenas um pescador informou ter comprado barcos para investir no turismo que o lago poderá proporcionar, em razão do uso da área comum. Mas diante da demora em poder usar a área teve que vender quatro dos seis barcos. Outro pescador informou ter feito investimentos ambiciosos e perdeu tudo, no momento vende milho e pamonha para sobreviver. Quanto à área de uso comum os pescadores esperam fazer uso, principalmente como local para pesca e algum tipo de cultivo agrícola. No entanto muitos pescadores desistiram de pagar a associação e estão desmotivados quanto à possibilidade de uso da área comum disponibilizada para a associação. As questões em torno do uso da área comum foi o que pontuou essa etapa do monitoramento, pois os pescadores estão desmotivados quanto a real

possibilidade de uso e de investimento por parte do consórcio em infraestrutura. Porém o Sr. Jairo Oberek, presidente da associação, realizou um reunião com os pescadores no dia 15 de fevereiro para informar o andamento do processo de construção da sede na área de uso comum aos pescadores, segundo ele o processo já esta na fase de licitação.

Perfil socioeconômico

Nome	T.P	L.P	Idade	Escol	E.Cv	Relg	C.Su	A.P	Renda	N. M.D
Jairo Oberek	17	Tib.	58	2	Casado	Catol	Card	Pesca	1.sal	04
Ivonete A. Oberek	09	Tib.	52	2	Casado	Catol	Card	Pesca	1.sal	04
Osires S. Martins	13	Tib.	75	2	Casado	Catol	Diabete	Pesca	1.sal	02
Isaias Job de Oliveira	07	Mauá	51	2	Compan	Catol	Diabete	Pesca	1.sal	02
Claudino A. Teixeira	17	Tib.	78	0	Separado	Catol	Card	Após	1.sal	01
Edinir Santos Bueno	13	Tib.	57	1	Casado	Catol	boa.sa	Pesca	1.sal	02
Florisvaldo Moreira	11	Tib.	61	2	Solteiro	Evang	boa.sa	Pesca	1.sal	04
Lourival A. de Lima	18	Tib.	70	3	Casado	Catol	boa.sa	Após	1.sal	03
Leoni C. Bueno	13	Tib.	55	5	Casado	n.sabe	boa.sa	Pesca	1.sal	02
Emilio Schneider	11	Tib.	51	6	Separado	n.sabe	boa.sa	Pesca	1.sal	03
Jurandir Schneider	10	Tib.	52	6	Casado	Catol	boa.sa	S.A	1.sal	04
Ari de Camargo	16	Tib.	67	4	Casado	Catol	Outros	S.A	SR	03
João de Ama Ferreira	18	Tib.	79	1	Casado	Catol	Outros	Após	1.sal	02
Paulino Alves	17	Tib.	79	3	Casado	Catol	boa.sa	Apos	1.sal	02
Manoel Rodrigues	17	Tib.	71	3	Casado	Catol	Outros	Apos	1.sal	05
Rosangela Campo	09	Tib.	54	7	Compan	Evang	Outros	Pesca	1.sal	02
Wilson Gonçalves	17	Tib.	64	3	Compan	Evang	Diabete	Apos	1.sal	02
Edson L. Cardoso	11	Tib.	51	5	Casado	Evang	Outros	Pesca	1.sal	04
Valdinei de Oliveira	09	Mauá	34	13	Casado	Catol	boa.sa	P.Rural	1.sal	08
Sebastião De Oliveira	17	Mauá	63	1	Casado	Catol	Outros	P.Rural	1.sal	08
Eliane Rodrigues	18	Tib.	53	6	Viúva	Catol	Outros	Pesca	2.sal	01

Itens do Quadro: Tempo de Pesca com carteira profissional, Local de Pesca, Idade do Pescador, Escolaridade, Estado Civil, Religião, Condições de saúde, Atividade Principal e Secundaria. Renda e numero de moradores no domicilio.* Escolaridade o número 2 corresponde ao segundo ano do ensino fundamental.

*Sem Renda

*Renda em salário mínimo

*(S.A) Sem Atividade

* Vale destacar que o Sr Wilson e Sra. Rosangela são casados e moram na mesma residência, bem como o Sr Jairo e Sra. Ivonete. Já o Sr Sebastião é o pai do Sr Valdinei e mora na mesma residência.

Em análise do quadro socioeconômico familiar é possível observar que a maioria dos pescadores com mais de 50 anos tem baixa escolaridade, alguns problemas de saúde, tais como diabetes e problemas cardíacos.

A maioria dos entrevistados são casados e moram com a família. Sobre atividade profissional todos informaram ter a pesca como atividade principal, porém alguns desenvolveram outras atividades profissionais antes de dedicar-se a pesca. Alguns entrevistados são aposentados em outras

atividades. Quanto à renda, todos afirmaram receber em torno de um salário mínimo de renda no momento. Sobre o número de residentes no domicílio, apenas dois entrevistados tem mais de cinco moradores, enquanto os demais ou moram apenas o casal com um filho ou moram sozinhos.

Em uma análise simplificada das condições socioeconômicas dos entrevistados objeto do monitoramento, é possível observar que todos vivem de maneira simples e tem na pesca e em outras atividades a remuneração necessária a sua subsistência. Será possível ter uma visão mais clara sobre as condições de vida de cada um dos entrevistados em suas narrativas de como viveram o último ano, período em que não puderam pescar nos locais habituais.

Como já levantado na pesquisa anterior, o universo social pesquisado tem baixa escolaridade, sem formação profissional qualificada, com idade acima de 50 anos. Apontando as condições de renda como precárias e vinculada aos benefícios sociais governamentais ou aposentadoria. Concentrado em pequenos trabalhos e na pesca, que possibilita renda complementar para a subsistência. O quadro socioeconômico apresentado está vinculado ao universo social em que o pescador está inserido, ou seja, que vive entre universo urbano e o rio. Sendo o rio o lugar onde as memórias são mais ricas e felizes para os pescadores objetos desse trabalho.

2 - Histórias de Vida e suas representações no período de dezembro de 2012 a fevereiro de 2014.

Como foi proposto no primeiro trabalho com os pescadores, procuramos centrar nosso trabalho nas representações – que tem papel de destaque nas relações entre história e memória, na qual os depoimentos trazem a expressão das formas culturais e dos processos, pelos quais os indivíduos expressam o sentido a si mesmo e ao seu lugar na história. Consideramos como Bourdieu (1982) que toda ação de sentido é expressão de determinado *habitus* – dimensão de prática e de representação das práticas sociais. Portanto, articular história e memória tem a particularidade de apresentar os atores e suas próprias representações. Trata-se aqui dos procedimentos referentes à própria história e o que ela representa para o grupo e para cada indivíduo.

Ao focarmos a memória e as representações sociais dos integrantes de uma determinada comunidade, procuramos recuperar a trajetória de grupos sociais excluídos, que de alguma forma ficaram à margem, ou “silenciados” pela história oficial.

No entanto, a representação social de cada indivíduo do grupo é apenas parte do que ele vê da realidade e não a realidade em sua totalidade. Assim trabalhamos sempre com o que é mais significativo tanto para o indivíduo como para o grupo e nunca com a realidade total.

Assim, quando nos propomos a ouvir ou contar histórias, o mais importante desse processo é a rede de solidariedade que é tecida, pois para realizar esse trabalho contamos com a ajuda dos entrevistados, que nos fornecem suas memórias e suas formas de representá-las socialmente.

Um lugar pode ter vários significados para as pessoas que passam por ele, assim como as águas de um rio. Um rio pode ser sentido e vivenciado em diferentes valores por diferentes pessoas que utilizam suas águas e sua vida por anos, por dias, por uma vida. Isso faz do rio um lugar de vida e de movimento

Para cada um de nós o rio tem um significado, mas sem dúvida para os pescadores objetos desse trabalho o rio significa mais do que renda,

significa “vida”, a vida deles se confunde com a do rio e muitas vezes eles contam coisas que sabem ser do rio como se fossem suas próprias histórias.

É na fala dos pescadores que podemos perceber como a vida, a pesca e o rio se confundem, representando apenas um jeito de viver. O lazer e o trabalho no rio têm o mesmo propósito de dar prazer e produzir renda. Como já observamos as falas referentes ao modo de vida está fundamentada na relação com o rio, porém no último ano, ou seja, após o período de cheia do lago como dizem os pescadores, a vida mudou um pouco. Assim seguiremos com algumas narrativas e apontamentos de observação de campo.

Na entrevista com Sr. Manoel ele disse: *“No último ano não fiz nada, só pesquei com vara na barra grande. Mas a vida tá boa. Estamos esperando poder usar a área da associação”* (Sr. Manoel Rodrigues).



Foto: Seu Manoel Rodrigues assinando questionário, fevereiro 2014.

Segundo o Sr. Manoel, Sr. Jairo e Sra. Eliane em audiência pública do “Paquera” com a bióloga que participou da equipe, os pescadores foram informados que a água do local onde está à área comum destinada para a associação está com muita matéria orgânica, típica da formação de lago. Essa informação trouxe incertezas aos pescadores. Porém seu Manoel disse que

“ainda pretende usufruir da área seja para ir olhar o rio ou plantar uns pés de mandioca”.

A Sra. Eliane fez um barraco em uma ilha, mesmo sendo a 70 km de Telêmaco Borba, pois pretendia pescar no local, mas durante as chuvas de dezembro ela perdeu tudo o que tinha colocado na ilha e desistiu de reconstruir.

“No último ano perdi a casa na ilha (na barra do Mococa), perdi o barco. Com a função de secretária na associação tenho acompanhado o processo de construção da sede na área comum dos pescadores, que tá devagar. Tive problemas com o rim, mas já era antigo. Tenho pescado e vendido em 2013, deu muito peixe no lago, pescamos bastante vendi o que pesquei, só que não fui muito pro rio” (Eliane Rodrigues Mendes).



Foto: Eliane Rodrigues, fevereiro 2014.

O que nos conta cada pescador entrevistado é um pouco de suas experiências com o rio, bem como as suas expectativas sobre o que será pescar em um lago. No momento desse monitoramento, que já está no terceiro ano, os pescadores estão entusiasmados com o que tem pescado no lago da UHE Mauá. Segundo os pescadores, os peixes pescados tem sido os mesmos que pescavam antes do lago, (piapara, curimba, cascudo e lambari que virou praga, segundo pescadores), mas ainda estão apreensivos quanto ao futuro.

O Sr. Edson Cardoso disse que não tem do que reclamar, já que no último pescou quase todos os dias, só está parado no período da piracema (defeso).

“No último ano tenho vivido da pesca, estou pescando no rio Tibagi e na represa de primeiro de maio, tem muito peixe, curimba, piapara e cascudo, na represa tem curvina. Durante o ano de 2013 pequei na represa de Mauá e tinha todos os peixes de antes da usina, mas o lambari virou praga. A pesca tá sustentando a minha família, vendo o peixe pra os conhecidos, tenho ido três vezes por semana pescar da pra pegar uns 40kl. Só agora no defeso que não pesco” (Edson Luiz Cardoso).



Foto: Edson Cardoso, fevereiro 2014.

Seu Lourival está sem documentos de pesa porque se aposentou contando tempo de outro trabalho e teve a carteira de pesca caçada.

“A pesca tá indo bem, pescando de todas as qualidades mesmo na represa, a gente tem dificuldades com a força verde. Mas na represa o IAP liberou para pescar. Estou bem de saúde, pescando e cuidando do bar com a ajuda da mulher” (Lorival Adriano de Lima).



Foto: Lorival Lorival Adriano de Lima assinando questionário, fevereiro 2014.

O Sr. Jurandir não está participando da associação dos pescadores no momento, mas disse que tem interesse em voltar para poder usufruir da área comum aos pescadores da associação.

“Não to pescando porque achava que era proibido, trabalhei por dias de motorista entregando área. Minha saúde esta 100% mesmo com a morte dos meus irmão, eu to bem, mas a minha esposa tem problemas de saúde” (Jurandir de Lima Schneider).

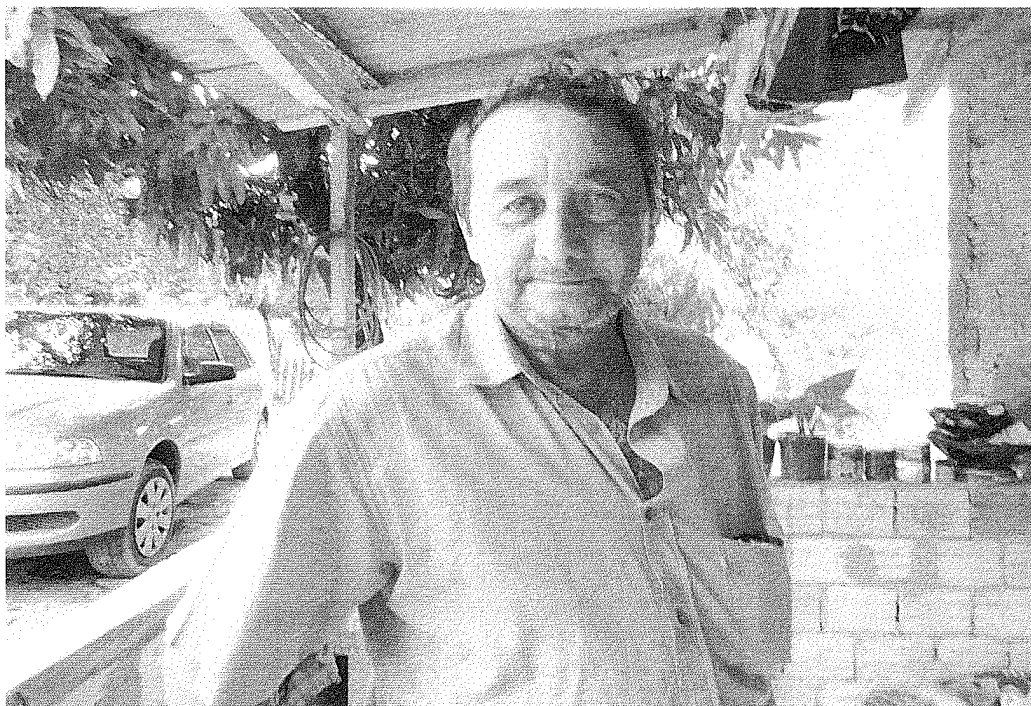


Foto: Jurandir de Lima Schneider, fevereiro 2014.

O Sr. Isaiás também não está participando da associação dos pescadores e está sem carteira de pesca.

“Não pesquei porque estive doente, com problemas de hérnia e cisto, só tô conseguindo dirigir. To com pressão alta e diabetes alta. Estou com a carteira de pesca vencida, mas vou renovar. Não tenho outra renda fora pesca e o bar que é pra ajudar meu filho. As despesas pequenas sai do comércio (bar). A área dos pescadores ainda não da pra usar, mas quero usar sim” (Isaiás Jobe de Oliveira).

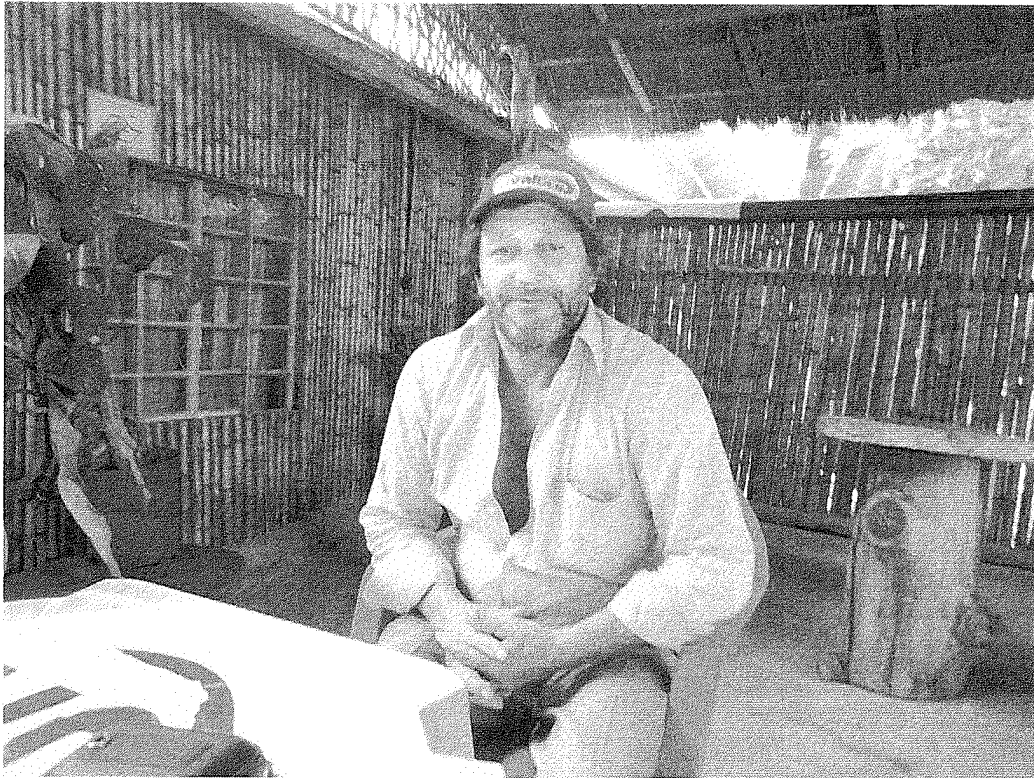


Foto: Izaias Jobe de Oliveira, fevereiro 2014.

Nesse momento do trabalho as novas atividades e as expectativas sobre um futuro como pescador estão presentes nas falas de todos os pescadores. Como disseram os entrevistados, *“quando a área comum puder ser usada espero poder usar, esperamos poder pescar mesmo que só por prazer”*. O que é possível observar é certa ansiedade comum aos indivíduos que passam por um processo de transformação do conhecido para algo novo. As falas se confundem com expectativas positivas e insegurança pelo que está por vir, para muitos a área destinada a eles não será usada, pois, está demorando muito para construir a sede. O que para seu Jairo *“dificulta e deixa a pesca com custos muito altos”*, porém como ele é presidente da associação, está acompanhando o processo de liberação da licença ambiental e do processo de licitação para a construção da sede na área de uso comum aos pescadores. Mas a preocupação dele é com os pescadores que estão abandonando a associação por não acreditar que a sede será construída.

“Dos seis barcos que comprei tive que vender quatro para manter a sobrevivência, os barcos foram comprados com o dinheiro da indenização, para atividade de lazer no lago. Durante 2013 pude pescar por seis meses, por essa razão tive que vender os barcos. Pesquei no lago da Mauá. Mas sem a área da associação as despesas para pescar são muito altas, pois não posso ficar no rio e não tem onde deixar o pescado e nem o barco. Tem que voltar pra casa todos os dias, gasta muito combustível” (Jairo Oberek).

“Em 2013 não foi um ano muito bom, pesquei menos que esperava. A vida em geral vai bem só me apareceu um diabete” (Ivonete Oberek).

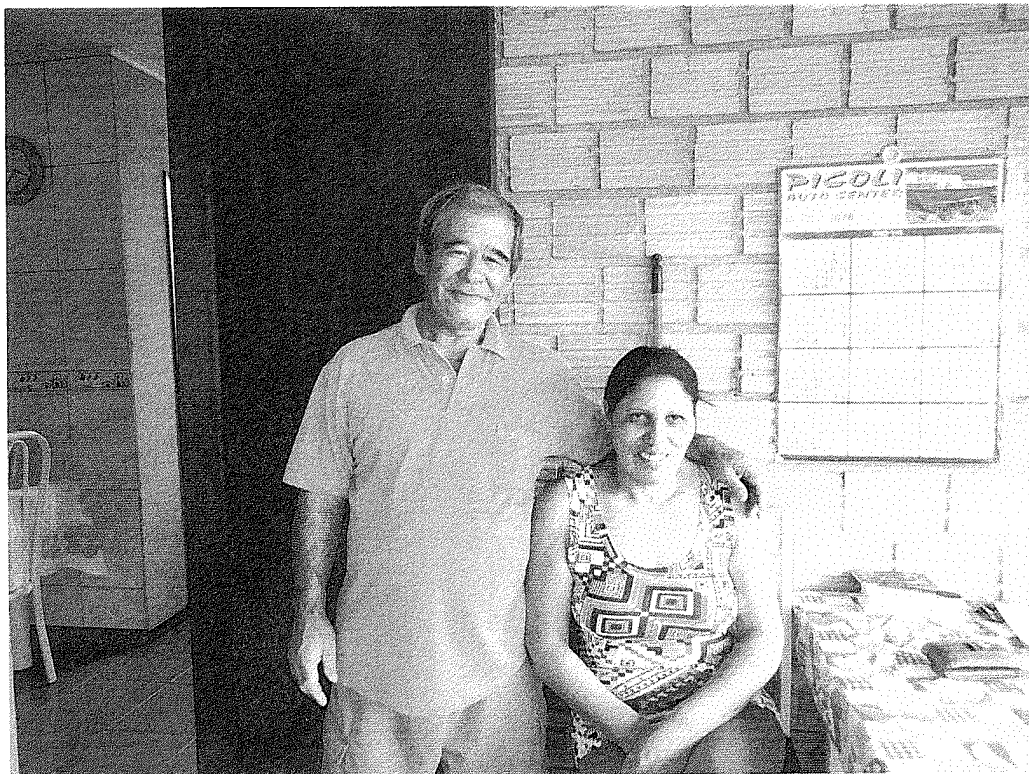


Foto: Seu Jairo e dona Ivonete Oberek, fevereiro 2014.

“A vida em 2013 foi muito boa, boa saúde (só problema de pele). A pesca tá boa a represa tem dado muito peixe. O dinheiro tem ajudado muito ficou perto e com pouca despesa, mas quando puder deixar as coisas na área dos pescadores vai ser melhor” (Ozires Siqueira Martins).

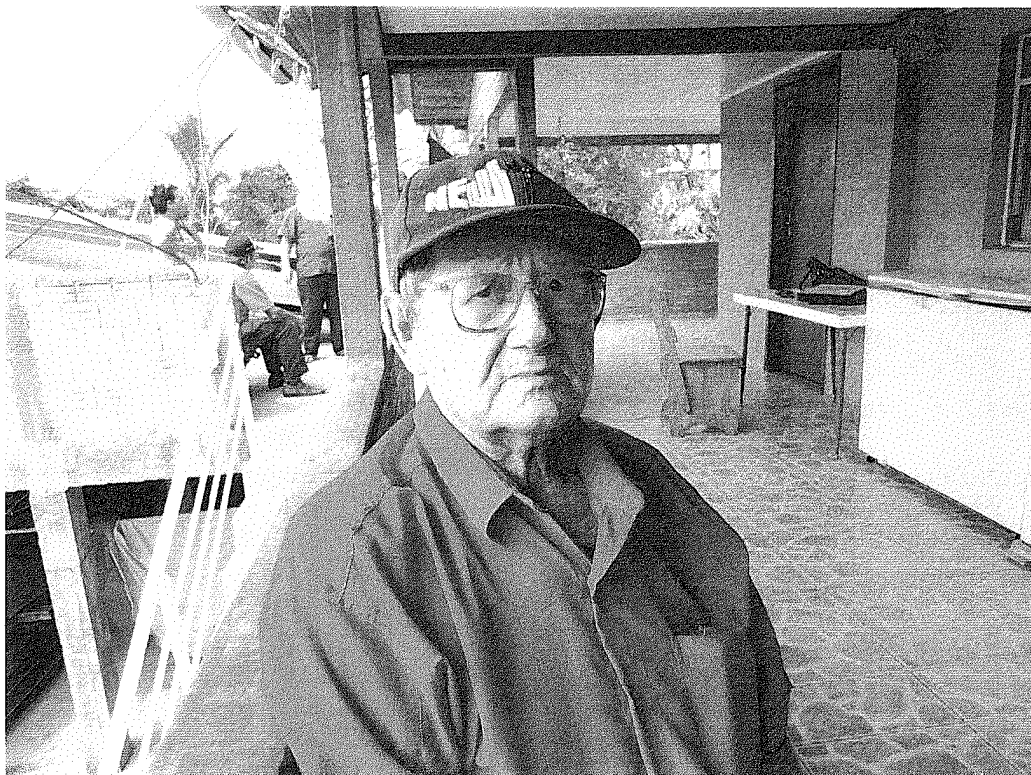


Foto: Sr. Ozires Siqueira Martins, fevereiro 2014.

O Sr. Paulino está com esposa muito doente e fomos fazer a entrevista no hospital onde ela está internada. Porém ele está muito bem e esperando a saúde dela melhorar para poder pescar.

“Estou vivendo com o dinheiro do acordo, não tenho pescado nem pra comer e ainda roubaram meu bote. Com a área vai ficar bom se ficar pronta” (Paulino Alves).

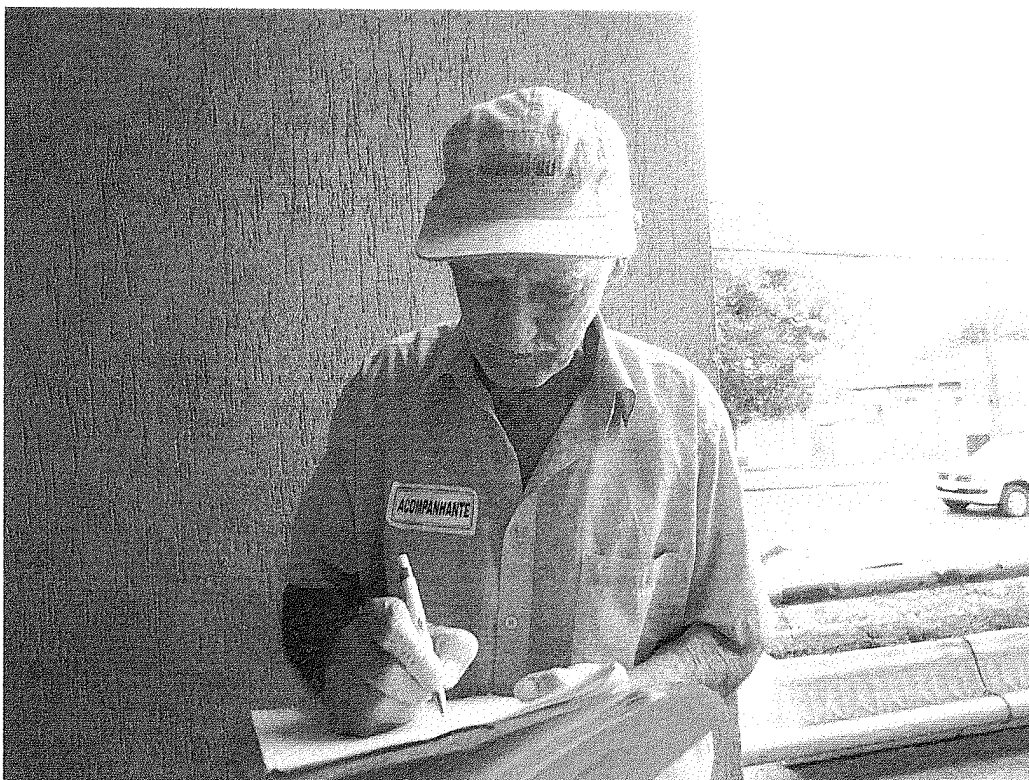


Foto: Sr. Paulino Alves, fevereiro 2014.

Em análise das representações dos pescadores sobre suas práticas na pesca, e suas histórias de vida é possível perceber algumas similaridades. Bem como as aflições que são comuns à maioria dos envolvidos, em estado de espera sobre a área de uso comum aos pescadores. A espera para alguns é motivo de desânimo e descrença e para outros de esperança por dias melhores.

Alguns dos pescadores *“informaram apenas que a vida continua como antes”*. Apenas o Sr. Florisvaldo que no monitoramento de 2012 disse ter aplicado o dinheiro e perdido tudo, segue a vida com ânimo e disposição, no momento está vendendo milho verde e pamonha para sobreviver.

“Não pesquei esse ano, mas tem gente que tá pescando até no defeso e vende na rua. A polícia sabe e não faz nada. Quando tiver o lugar na área para deixar a pesca e o barco vou pescar. Do jeito que tá não dá pra pescar. Tô vendendo milho verde e pamonha e tô ganhando mais do que com pesca” (Florisvaldo Moreira).

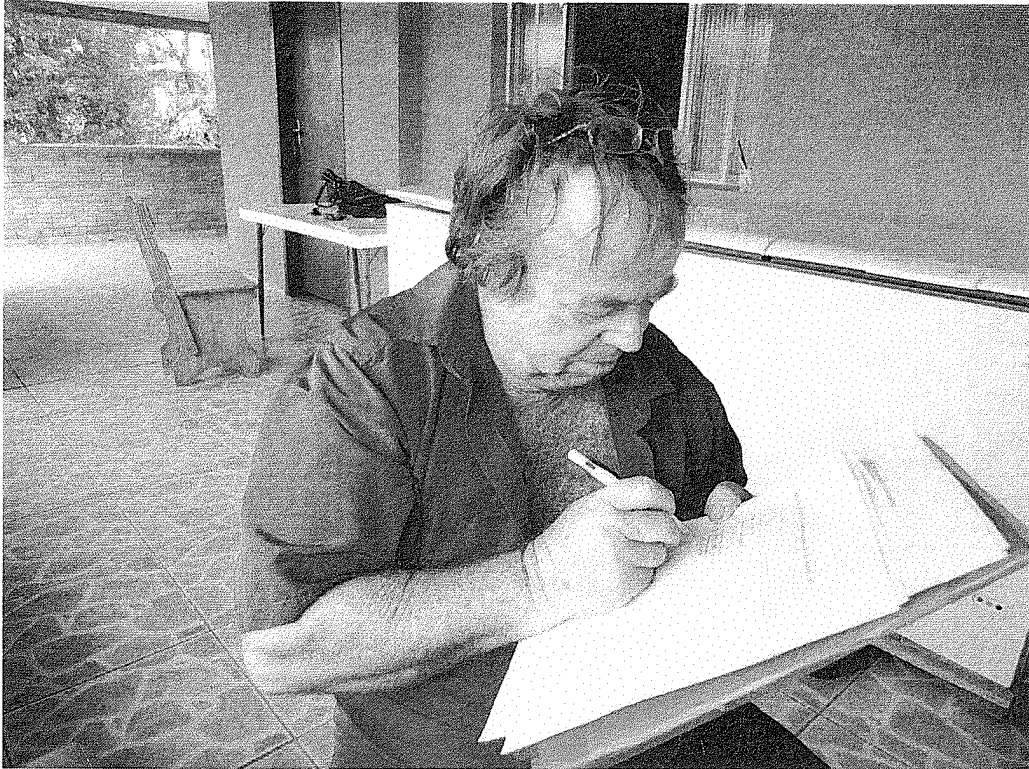


Foto: Florisvaldo Moreira, fevereiro 2014.

As falas dos pescadores mostram como eles, de maneira organizada, buscam mostrar a importância do rio para o sustento e o prazer de viver.

Mostrando um valor mais simbólico do que econômico, a pesca é artesanal e não confere ao pescador uma vida estável, porém o sentido de realização que cada um apresenta em sua fala mostra como o rio tem o sentido da vida e da saúde dos pescadores. A pesca com espinhel, tarrafa e rede demonstram a forma simples como o pescador pratica a pesca. No entanto muitos deles pescam com rede, o que segundo os mesmos é proibido.

Porém é possível entender que para alguns pescadores mesmo com o processo de implantação de uma UHE Mauá eles procuram levar uma vida "normal", segundo eles buscando a convivência com o rio mesmo que em locais mais distantes.

O Senhor Divino Joaquim, que no monitoramento de 2012 não foi localizado, nesse ano ficou em Telêmaco Borba para participar do monitoramento e esclarecer que vive em Telêmaco Borba e em Arapongas. Passando parte da semana em cada uma das cidades. Como não está pescando tem ficado mais em Arapongas.

“Durante a semana fico em Telêmaco Borba e vou pescar. No fim de semana vou para Arapongas ver os filhos, mas moro mesmo é aqui. Depois do acordo quase não pesco, mas assim que renovar a minha carteira de pesca quero voltar a pescar. A indenização ajudou muito, investi e comprei um carro bom. A área comum é muito importante, vamos poder deixar as coisas de pescar lá e também ir só para passear” (Divino Joaquim).

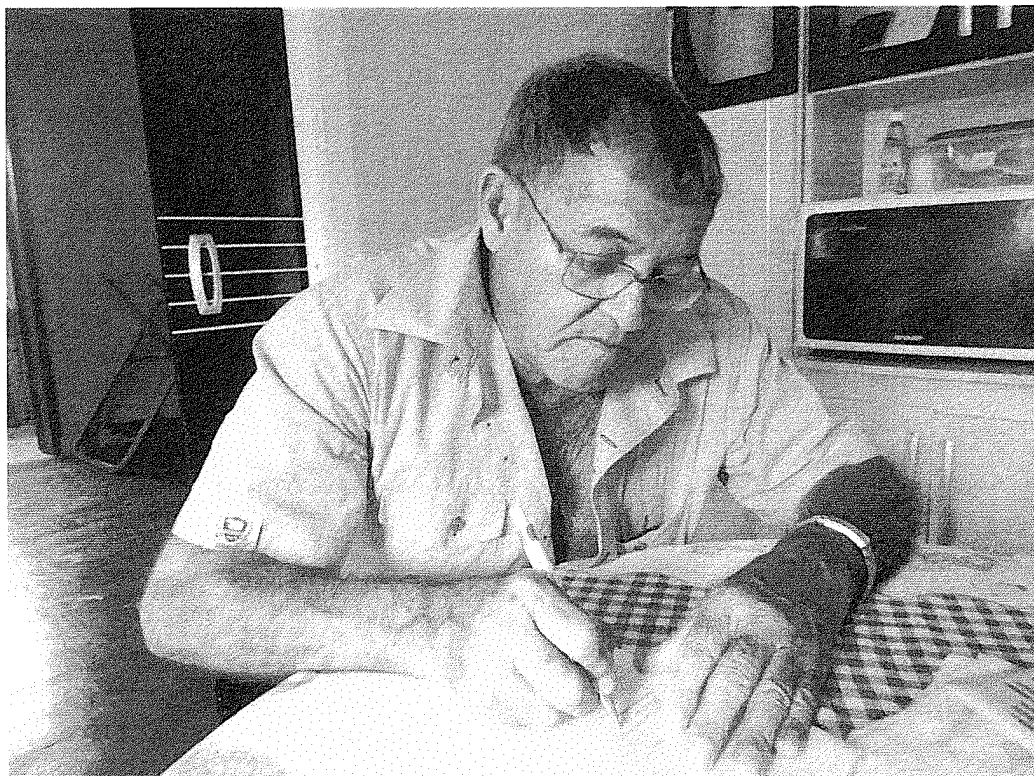


Foto: Sr. Divino Joaquim, fevereiro 2014.

Alguns pescadores disseram que não foram pescar por que assinaram o acordo com o consórcio, como esses mesmos pescadores não estavam mais participando da associação dos pescadores não tomaram conhecimento da autorização para praticar a pesca durante o ano de 2013. Ao serem informados da autorização mostraram interesse em voltar a fazer parte da associação, principalmente para ter acesso a área comum dos pescadores objetos desse monitoramento. No entanto vale destacar que o Consórcio Cruzeiro do Sul em nenhum momento proibiu a pesca no lago, bem como os pescadores tem muitos pontos para pescar no Tibagi e seus afluentes.

“Não pesquei por causa do acordo, mas assim que puder volto para pesca. Mas sei que muita gente pesca e a força verde não faz nada. A vida em 2013 esta boa, só tive que operar o pé. Estou com a carteira de pesca ativa, mas só fui no rio pegar uns peixes pra comer” (Edenir S. Bueno).

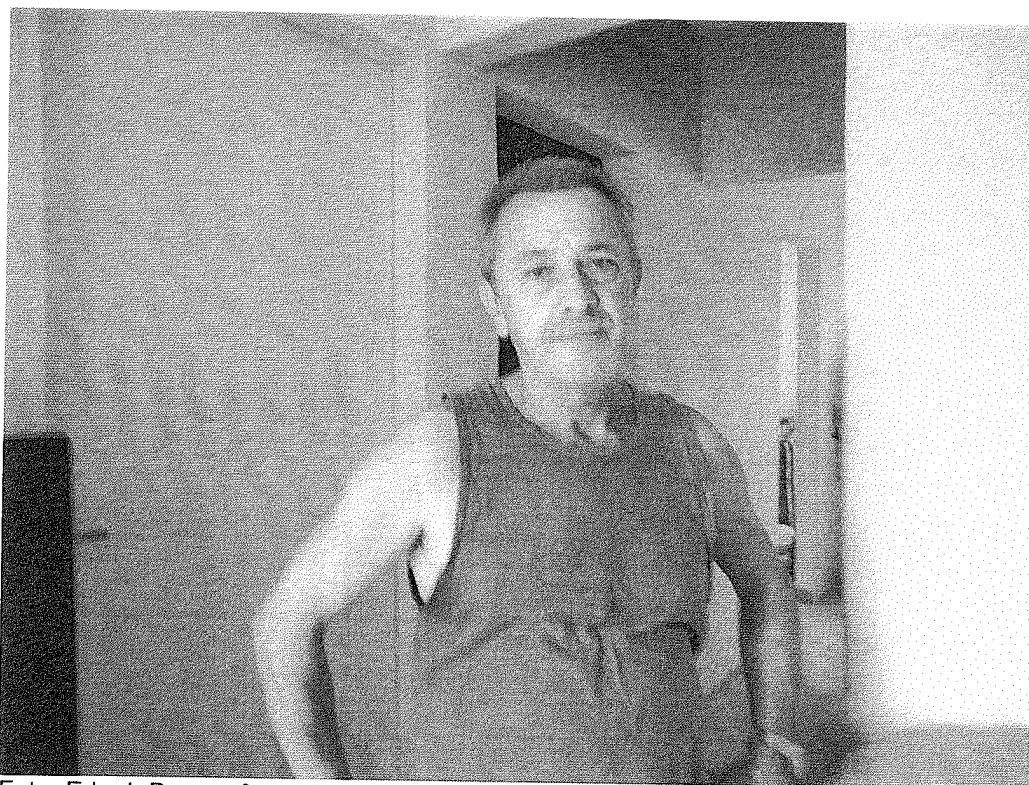


Foto: Edenir Bueno, fevereiro 2014

“Eu não pesquei mais, faz dois anos que não pesco por causa do acordo. Tenho vivido do dinheiro do acordo. Não tenho renda, como tenho carteira de pesca não posso ser fichado em outro trabalho. Estou afastado da associação se as coisas forem acertadas” (Leoni Castorino Bueno).

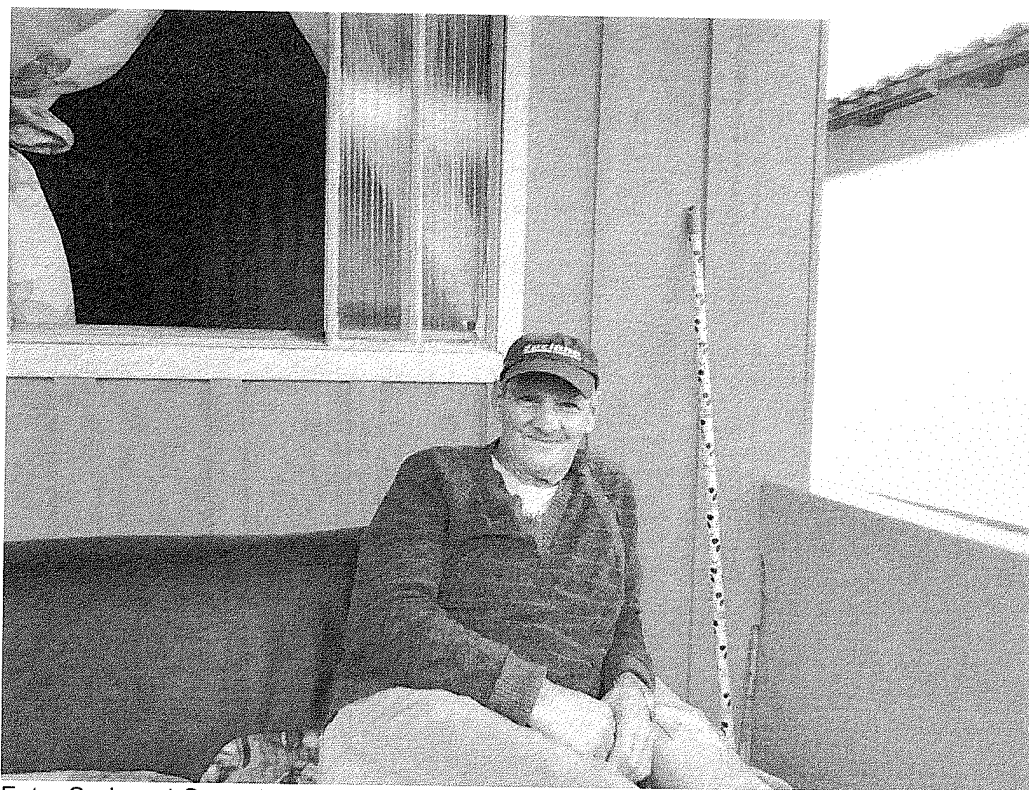


Foto: Sr. Leoni Castorino Bueno, fevereiro 2014.